

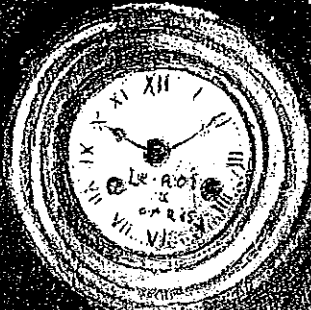


ASSOCIAÇÃO  
PSICANALÍTICA  
DE CURITIBA

em

REVISTA

n.º



Envelhecimento  
uma perspectiva psicanalítica

## SEXUALIDADE FEMININA E MENOPAUSA

Marie-Christine Laznik

*Do ponto de vista clínico*

A menopausa corresponde a um momento crucial no remanejamento da economia libidinal de uma mulher. Para estudar este momento, do ponto de vista psicanalítico, devemos partir da maneira como Freud trata as relações da menina no *complexo de Édipo*. A menina descobre sua castração (como uma realidade e não como uma ameaça), o que a leva a ter que trocar de objeto de amor. De ser o falo para a mãe (enquanto posição de identificação), ela terá que deslizar na equação simbólica do falo ao bebê e ir buscar aquele que poderá lhe dar este equivalente fálico - o pai. Em 1925, Freud chama isto de *entrada da menina no Édipo*. Na menopausa, a promessa edípica, de um bebê substituto fálico, não é mais realizável. Isto coincide, o que não é raro, com a partida dos filhos do lar. O que podia dar à mulher um sentimento fálico na maternidade - um certo poder imaginário derivado da dependência destes filhos para com ela - vem a lhe faltar. Então, a questão da *saída do Édipo* se coloca. Mas em que consistiria esta

O presente trabalho propõe uma análise da menopausa como um momento de remanejamento da economia libidinal da mulher, obrigatório pela perda das promessas edípicas substitutivas do falo, segundo as idéias de Freud e Lacan sobre a sexualidade feminina. O conceito de Lacan do falo como significante serve de instrumento de leitura dos textos pós-freudianos de Karen Horney e Joan Rivière, para apontar a divisão da mulher entre sua posição de objeto do desejo na feminilidade e seu lugar de sujeito enquanto tal. A menopausa, ao fazer bascular a mulher enquanto desejável é o momento em que esta cisão comparece e faz questão.  
Feminilidade -  
Sexualidade feminina -  
Histeria - Crise da meia idade - Identificação.

*This paper examines the menopause as a crucial time in a woman's libidinal economy, because the Oedipus promises of phallic feeling fail, according Freud and Lacan's ideas about womanliness. The Lacan's concept of the phallus as signifier is used to analyse the ideas of the post-Freudian analysts Karen Horney and Joan Rivière to affirm the necessary division of the woman subject in the femininity. Femininity - Womanliness - Hysteria, Mid-life crisis - Identification.*

saída, para uma mulher?

Freud falou frequentemente do climatério em seus escritos. Em *Tipos de desencadeamento da doença neurótica* (1912), faz notar que podemos ver cair doentes sujeitos que até então tinham boa saúde, a quem nenhuma experiência nova se apresentara. Mas, um exame mais aprofundado do caso mostra que uma modificação se tinha produzido neles: *“Pelo fato de que um certo período da vida foi atingido, conjuntamente com processos biológicos regidos por leis. A quantidade de libido, em sua economia anímica, conheceu um aumento que, por si só, basta para inverter o equilíbrio da saúde e a instaurar as condições da neurose. Como se sabe, tais aumentos de libido, muito mais súbitos, são regularmente ligados à puberdade e à menopausa, ao momento em que as mulheres atingem certas idades (...) A estase da libido é aqui o fator primário, ela se torna patogênica na seqüência da recusa relativa da parte do mundo externo, o qual teria ainda continuado a trazer satisfação a uma reivindicação libidinal mínima. A libido insatisfeita e estática pode reabrir as vias para a regressão”* (p. 124). Freud pensa que se passa então o que é habitual quando um sujeito perde seu objeto de amor no mundo externo: ele se torna neurótico; e relembra o adágio bem conhecido, segundo o qual felicidade coincide com saúde e infelicidade com neurose.

É um fato que os epidemiologistas sublinham: em nossos dias as mulheres, na menopausa, têm mais dificuldade do que antes para encontrar parceiros sexuais. Não unicamente parceiros de vida, mas simplesmente parceiros sexuais. Isto é uma realidade de nossas sociedades, claramente expressa nos estudos epidemiológicos. Mesmo quando elas têm um parceiro de vida da mesma idade, elas são às vezes confrontadas com as dificuldades ligadas ao que Freud chamava de *climatério masculino*. É um fato que os andrologistas descrevem bem: no fim dos cinquenta anos, os homens conhecem amiúde uma diminuição de sua potência

sexual. A não relação sexual, cara a Lacan, toma aqui uma realidade patética: no momento mesmo em que uma mulher conhece um formidável acréscimo de sua libido sexual, quando ela enfim fez os lutos necessários em sua relação com a mãe (1) e que está pronta enfim para aceitar que um homem possa fazê-la gozar vaginalmente, eis que é a época em que a potência de seu parceiro diminui. O que não quer dizer que o desejo de seu parceiro diminui, Freud afirma claramente que há um aumento da libido neles também. Pode, pois, acontecer que este parceiro masculino vá buscar alhures onde satisfazer sua libido, ao mesmo tempo em que se reassegura de sua potência. Com uma parceira bem mais jovem, ele poderá mais facilmente compensar a perda da potência física por uma potência social e econômica. Conheçamos todos estes grandes personagens masculinos que desposam jovens mulheres cuja realização social e econômica não se deu ainda e que têm, portanto, necessidade deles: eles se sentem então potentes, pois úteis e importantes.

Freud sempre fez um paralelo entre a menopausa e a puberdade. Helene Deutsch retomou isto, o que lhe permitiu fazer a hipótese da existência, como na puberdade, de fantasmas incestuosos, responsáveis, entre outros, pela luta contra a emergência de toda fantasia sexual. Ela acha que o horror que a mulher na menopausa sente em relação a sua libido seja devido ao fato de que o objeto incestuoso, mantido inconsciente, é agora o filho, ou um substituto. O que nos parece dever merecer o nome de *Complexo de Jocasta*.

Voltemos a Freud: ele diz que esta libido estática pode abrir as vias da regressão. Ele nos fornece uma explicação psicanalítica para a constituição das bruxas. É interessante ver que Freud emprega a palavra *estase* (2) da libido. Estase é um termo médico que indica a interrupção ou a lentidão considerável na circulação ou no escoamento de um líquido orgânico, por exemplo, estase sanguínea (3). Todas as

sociedades tradicionais temem as mulheres na menopausa, sobretudo se elas conservam um interesse pelo sexo e não têm marido. Pelo fato de o sangue das regras não mais escoar, ele é suposto aumentar sua potência, a qual, não estando mais sob o controle de um homem - o que, diríamos, permitiria as trocas libidinais - pode tornar-se perigosa. François Héritier (1996) conta que a mulher na menopausa é aquela que corre um risco maior de ser acusada de bruxaria. Freud pensava também que as regressões da libido podiam permitir uma nova emergência das formas infantis sádico-anais ou sádico-orais da organização fantasmática. Um excelente exemplo se acha no filme *Os 101 Dálmatas*, com Glen Close no papel de Cruela.

Em seu artigo *A disposição à neurose obsessiva*, Freud (1913) tenta compreender como a charmosa moça, a esposa-amante, a terna mãe, vai se transformar - no momento em que seus órgãos genitais cessaram toda atividade - no velho dragão que os autores de comédias e os humoristas de todos os tempos descreveram. *"É um fato bem conhecido, do qual muitos já se queixaram: após as mulheres terem perdido suas funções genitais, seu caráter sofre amiúde uma mudança particular. Elas se tornam queixosas, contrariadas, ditatoriais, despeitadas, mesquinhas; isto é, elas exibem os traços típicos de um sadismo erótico-anal, traços que não possuíam antes, durante seu período de feminilidade"*. Observemos em seguida que ele parece falar de perda da feminilidade nas mulheres na menopausa. Na clínica destas mulheres, elas se queixam frequentemente disto. Temos que abordar, então, a noção de feminilidade em psicanálise.

O que nos parece importante, é que de 1895 a 1937, Freud afirma que há um aumento da libido no momento da menopausa. Sobre inúmeros pontos, Freud soube dizer que tinha mudado de opinião, neste caso ele é firme. Ora, sabemos que é uma idéia não tão difundida atualmente.

Mesmo as feministas preferem pensar que as mulheres chegaram num momento de sua vida onde as pulsões sexuais, o parceiro masculino, interessam-nas muito pouco. A idéia de que haveria fuga diante de uma demanda pulsional, aumentada e por isso inquietante, não combina com as idéias "politicamente corretas" das mulheres americanas; em compensação, as inquietações ancestrais sobre o poder das bruxas, por sua vez, concordam com as observações de Freud.

Parece-nos possível afirmar que uma mulher perde então aos duas promessas que lhe haviam sido feitas quando de sua entrada no Édipo e que lhe haviam permitido aceitar ser uma mulher: a de um filho em substituição ao falo e a de uma certa forma de falicidade de seu corpo inteiro. Ela tem que realizar o duplo luto de não mais poder pretender nem a falicidade do materno nem a de sua beleza.

Parece-nos importante começar a abordar, na obra de Freud, os diferentes pontos relativos à constituição da identidade feminina e da feminilidade. Teremos, pois, que retomar a questão do Édipo na menina, o papel da fase fálica e a controvérsia que ela suscitou, assim como a concepção freudiana da feminilidade. Temos, pois, que relembra o debate que sacudiu a psicanálise entre 1923 e 1935, essencial para compreender a contribuição de Lacan e no objetivo essencial de teorizar as perdas constantemente denunciadas por mulheres nesta idade e recentemente ainda no livro de Lemoine-Darthois e Weissman (2000), *Elles croyaient qu'elles ne vieilliraient jamais*.

Começemos por abordar, na obra de Freud, o que continua a criar grandes problemas para as feministas anglo-saxônicas, hoje ainda as mais ativas militantes, mas também teóricas, da crise da meia idade. O que elas não podem suportar, é a idéia mesma de uma perda fálica no momento da menopausa, pois não podem admitir a primazia do falo, como aliás muitos psicanalistas na IPA. O próprio Lacan (1957-

58) lembrava que não era somente Jones que encontrava dificuldades insondáveis nesta afirmação da existência de uma fase fálica primeira, comum tanto aos meninos quanto às meninas. Isto permanecia incompreensível para quase todos aqueles que cercavam Freud, mesmo se os fatos clínicos iam neste sentido. Foi preciso que Lacan identificasse este falo como um significante para que as observações de ordem naturalista e biologista cessassem de invalidar seu lugar. Vejamos, primeiramente, como este conceito se organiza em Freud.

#### *A primazia do falo em Freud*

É apenas em seu artigo de 1923a que Freud vai reconhecer à sexualidade infantil uma verdadeira organização genital, que difere da organização adulta pelo fato de que: “para os dois sexos um só órgão genital, o masculino, desempenha um papel. Não existe, pois, uma primazia genital, mas uma primazia do falo” (p. 306).

Freud coloca uma forma de equivalência bebê-pênis: “Apenas mais tarde, quando a criança enfrenta os problemas da gênese e do nascimento das crianças e adivinha que somente as mulheres podem ter filhos, que a mãe sofre também a perda do pênis e que às vezes são edificadas teorias muito complicadas, para explicar a troca do pênis por um filho” (op. cit., p. 308-9). Portanto, vemos que, através desta equivalência, a mãe se acha provida de uma certa forma fálica: a possibilidade de ter filhos. Neste mesmo texto, Freud nos lembra que a convicção da ausência do pênis na mulher pode levar a uma grande depreciação, até mesmo ao horror da mulher: “Ferenczi recentemente fez uma relação precisa entre o símbolo mitológico do horror, a cabeça de Medusa, e a impressão produzida pelo órgão feminino desprovido de pênis”.

Se quisermos entender algo do horror, repugnância (*Abscheu*) que produz a evocação mesma da menopausa de uma mulher no jogo sexual, horror que está seguramente na raiz da recusa de reconhecer a existência deste assunto em psicanálise (4), temos que fazer um desvio pela cabeça de Medusa. Numa nota de rodapé desta mesma página, Freud lembra que, no mito, trata-se do órgão genital da mãe. “Atena, que carrega a cabeça da Medusa sobre sua couraça, torna-se por isso mesmo mulher irrepreensível, cuja visão sufoca qualquer idéia de aproximação sexual” (op. cit., n.2, p. 308). Diríamos que é no momento em que a possibilidade de ter filhos não vem mais fazer tela a esta hiância, que o órgão feminino adquire sua dimensão de horror. O próprio Freud nos dá a confirmação desta hipótese. Em seu texto *A cabeça da Medusa* (1922), ele lembra que ela substitui a apresentação do órgão genital feminino, cuja ação apotrópica - capaz de desviar a má sorte - era bem conhecida. Freud dá como exemplo, então, um fragmento do Pantacruel de Rabelais (1975), onde o diabo empreende a fuga após uma mulher lhe ter mostrado sua vulva. Trata-se de Papafigueira que, como não se podia deixar de esperar, é uma velha mulher. Mas, o que nos autoriza a fazer equivalência entre *velha* e *mulher que fez a menopausa*?

Dizíamos que a capacidade de procriar faz obstáculo à morte; uma vez esta capacidade perdida, nada interrompe mais, no plano fantasmático, a fuga do tempo em direção à aniquilação final. Aí reside uma das causas das crises dos casais na meia idade. Certos homens, que abordam eles mesmos o fim de sua plena maturidade, sentem-se ameaçados pela perda de fecundidade em sua mulher; isto pode ser um dos componentes que os impulsionam a encontrar uma companheira mais jovem na qual, amiúde, farão um filho.

### *Menopausa e perda da promessa edípica*

Uma primeira perda evidente, no momento da menopausa, é a da possibilidade de continuar a esperar filhos como reparação da falta fálica. Os autores americanos assinalam, além disso, o fato de que isto coincide com a partida dos filhos do lar, sobretudo nos Estados Unidos, onde eles vão para campus universitários. Mas, mesmo nos países onde, uma vez adultos, eles permanecem ainda no lar, eles deixaram de ser crianças e querem prová-lo proibindo a mãe de exercer, sobre eles, sua potência materna (5). Portanto, há necessariamente perda fálica do lado do materno. Ruth Lax assinalou que a inveja do pênis se acha então reativada por comparação com a situação do parceiro masculino. Ele sempre pode continuar a ter filhos, do que não se priva freqüentemente, quando refaz sua vida com uma mulher mais jovem.

Lacan (1956) afirma que a dissimetria do Édipo lhe parece bem mais predominante que a troca de objeto de amor à qual a filha é forçada. Esta dissimetria, ele a situa no nível simbólico. Não há simbolização do sexo da mulher; em relação ao sexo do homem, o imaginário não fornece senão uma ausência, diz ele. Ele pensa, nesta época, que é uma Gestalt fálica que força a menina a seguir durante um certo tempo o mesmo caminho que o menino, e não a prevalência do objeto materno. Nos seminários seguintes, o falo se tornará o significativo da falta do Outro materno, ao qual a criança pequena irá se identificar.

Em 1925, Freud volta a falar da visão do órgão sexual do irmãozinho “visível de maneira chocante e bem dimensionada” e de como a menina sucumbe à inveja do pênis: “Neste instante, seu julgamento e sua decisão são interrompidos. Ela o viu, ela sabe que não o tem e quer tê-lo” (p. 195-196).

Esta humilhação vai ser o suporte do abandono do onanismo, o clítoris não sendo mais digno de atenção. Isto é precursor da onda de recalçamento que afastará, na menininha, uma grande parte da sexualidade masculina e vai dar lugar, no tempo da puberdade, ao desenvolvimento da feminilidade. Freud, até o fim de sua obra, afirmará a necessidade do *Penisneid* no “*desabrochar da feminilidade*” (op. cit., p. 199) e Lacan o seguirá neste ponto. Mas, no contexto do movimento psicanalítico mundial, a idéia de Jones que faz desta inveja do pênis um elemento defensivo é que prevalecerá.

### *O debate Jones-Freud visto por Lacan*

Qual valor pode ter este conceito de falo para a clínica da menopausa? O sentimento de inferioridade e de humilhação é freqüentemente revivido pelas mulheres; ao ponto de algumas chegarem então a mudar de direção, no sentido da organização de uma masculinidade, ou pelo menos de se sustentar numa virilidade reencontrada, o que Helene Deutsch chama de bóia salva-vidas.

Além disso, para compreender o pensamento de Lacan sobre pontos tão importantes quanto o falo, o significante, a noção de falta, o desejo e naturalmente a feminilidade, temos que retomar o debate entre Freud e Jones. Para o que se refere aos seus dizeres sobre as mulheres, Freud é considerado ultrapassado, antiquado, muito marcado pelas idéias preconcebidas de seu tempo e isto não somente pelas feministas e psicanalistas americanas. Mesmo na França, os psicanalistas que se ocupam da feminilidade compartilham esta idéia e não somente na IPA. Lacan, como veremos, deu todo seu alcance às afirmações freudianas, mas é um homem e muitas mulheres analistas, por isso, relativizaram sua adesão às idéias freudianas sobre as mulheres.

Contrariamente a muitos de nossos colegas, pensamos que as afirmações freudianas são certamente escandalosas, mas muito precisas e permitem entender o desastre da menopausa como reatualização desta humilhação primeira. Mas precisamos rever o debate dos anos 1925-1935 para avaliar a importância de Jones e de seus críticos na opinião corrente dos analistas que escrevem hoje em dia sobre a feminilidade, opinião que talvez não se saiba ainda que se deve a Jones.

Lacan cita mais de 300 vezes Jones em seus seminários.

Em *O desenvolvimento precoce da sexualidade feminina*, conferência pronunciada no Congresso Internacional de Psicanálise de 1927, Jones começa dizendo que Karen Horney denunciou um preconceito que macula a compreensão dos primeiros estágios da evolução feminina. “Começa-se a supor fortemente que os analistas do sexo masculino foram levados a adotar em relação a este problema visões exageradamente centradas no falo, a importância dos órgãos femininos sendo portanto subestimada” (p. 399-410). Jones acusa as analistas mulheres de manifestar um interesse muito pouco dissimulado pelo órgão masculino, em detrimento do seu e de contribuir assim para a mistificação geral. Mas ele não se interrogará sobre o porquê deste interesse nelas. Freud é, pois, acusado de um preconceito falocêntrico. Jones crê ler em Freud uma igual angústia - tanto no menino como na menina - diante da ameaça de castração e como isto não lhe parece fundamentado, ele propõe substituir a idéia de castração pela de *aphanisis*. Para precisar seu argumento, Jones emprega alternadamente os termos: castração, privação e frustração, que serão retomados e conceitualizados por Lacan.

Devido à ameaça de afânise, a menina terá que escolher entre um apego erótico ao pai e sua feminilidade. Esta última é, para Jones, constituída por uma identidade da

menina com sua mãe, numa experiência onde o ânus da menina desempenha um papel de vagina primitiva, que espera passivamente ser alimentada por um pênis mamilo. Se a menina renuncia ao pai, os desejos femininos se desenvolvem sob um modo adulto. Se ela não renuncia a ele, a relação de objeto se transforma em identificação e é aí que vamos ver se desenvolver um complexo do pênis. Jones escreve este artigo a partir de cinco casos de homossexualidade feminina e percebe-se bem que, para ele, o *Penisneid* vai ser um acidente de percurso: uma falha de identificação que vai conduzir a menina em direção ao pai, numa identificação masculina. Na homossexualidade feminina, Jones faz entrar toda uma categoria de mulheres que “conservam um interesse pelos homens, mas se esforçam para serem aceitas por eles como sendo um deles” (op. cit. p. 406).

Ele lembra que, para Karen Horney, o fato de uma menina aceitar a ausência do pênis significaria que ela ousa ter desejos incestuosos; nesta configuração, a inveja do pênis é uma belíssima defesa contra a culpa ligada a estes desejos. A identificação com o pênis é, pois, uma proteção da menina contra sua feminilidade, por temor da afânise. Para Jones, a boca, o ânus, e a vagina formam uma série de equivalentes do órgão feminino.

Segundo ele, a inveja do pênis, clinicamente observável, deriva desta reação, a identificação com o pai representando essencialmente uma recusa da feminilidade. E Jones resume, assinalando em seu texto: “nas meninas, o estágio fálico de Freud é provavelmente mais uma construção defensiva secundária do que um verdadeiro estágio de desenvolvimento”. A feminilidade é, para ele, um dado primário de identificação com a mãe, como a identidade masculina seria a do menino com seu pai. Estamos aí num âmbito naturalista da questão, naturalismo bastante caro ao pensamento anglo-saxônico. O problema é que, partindo de

um tal conceito, não se vê por que esta feminilidade, esta identidade feminina se acharia particularmente ameaçada no momento da menopausa. Ora, quando não é amordaçada pela recusa no analista, é o que esta clínica grita. Parece-nos interessante reler todos estes textos clássicos à luz da clínica da menopausa.

Em 1931, Freud escreve seu texto consagrado à sexualidade feminina. Ele retoma aí o essencial do que já havia avançado em 1925, argumentos que haviam suscitado o debate controverso que acabamos de mencionar e ao qual ele responde no fim de seu artigo.

Freud reafirma que a vida sexual da mulher se divide em duas fases, sendo que a primeira tem um caráter masculino e que é somente a segunda que é explicitamente feminina. Quanto ao complexo de Édipo, ele é o resultado final de um desenvolvimento bastante longo, ele é criado pela influência da castração e “com bastante frequência, não é superado completamente pela mulher” (op. cit., p. 14). Parece-nos interessante assinalar isto pois, em nossa opinião, é somente no momento da menopausa que o problema da liquidação do complexo de Édipo vai ter que se colocar para muitas mulheres: até aí as promessas edípicas podiam agüentar firme e o Édipo da menina também.

Karen Horney, que “é da opinião que superestimamos amplamente a inveja primária de pênis na menina, enquanto que a intensidade da tendência à masculinidade desenvolvida ulteriormente deve ser atribuída a uma inveja secundária do pênis, que é utilizada para a defesa contra as moções femininas, especialmente contra a moção feminina ao pai”. Freud responde com nitidez: “Isto não corresponde a minhas impressões”. E conclui sua discussão dos argumentos de Horney assim: “E se a defesa contra a feminilidade toma uma volta assim enérgica, donde pode ela tirar sua força senão da tendência à masculinidade, que encontrou sua primeira expressão na inveja do pênis na criança

e merece, por isso, retirar daí sua denominação?” Ele conclui seu artigo comentando o de Jones, cuja concepção lhe parece análoga à de Horney, com estas palavras lapidares: “Isto não corresponde nem aos dados dinâmicos nem aos dados temporais” (op. cit., p. 28).

Freud retomará isto, no ano seguinte, em seu último artigo sobre a feminilidade, que corresponde à lição XXXIII de suas *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise* (1932). Nós aí lemos que a “especificidade da psicanálise não é pretender descrever o que é a mulher - tarefa que ela não poderia de modo algum cumprir -, mas examinar como ela se torna mulher, como a mulher se desenvolve a partir da criança com predisposição bissexual” (op. cit., p. 199).

Freud aí toma partido pelo feito, contra o nascido. Em seu naturalismo anglo-saxônico, Jones defenderá a idéia de que se nasce mulher. Simone de Beauvoir imortalizará o debate na fórmula: *Não se nasce mulher, torna-se mulher*.

Esta questão tem sua importância para o estudo da menopausa: ela representa o momento em que é preciso inventar como continuar a ser mulher quando o apoio sobre o materno não é mais possível.

Freud sabe que há vezes que relatam sensações vaginais precoces, mas ele pensa que não é muito possível distinguir sensações anais ou vulvares, e afirma que em nenhum caso elas podem desempenhar um grande papel. Sabemos que é sobre esta precedência da vagina que Jones apoiou sua idéia de que se nasce mulher. Cada um terá assim o seu, não há de que ser invejoso. Esta hipótese agradará muito às feministas americanas.

Para Freud, que a menina reconheça o fato de sua falta do pênis, não quer dizer que ela se submeta a isto. Ele escreve: “O desejo de acabar por adquirir mesmo assim o pênis tão desejado pode ainda trazer sua contribuição para os motivos que levam a mulher madura a entrar em análise, e o que ela pode



razoavelmente esperar da análise, por exemplo, a capacidade de exercer uma profissão intelectual, pode freqüentemente ser reconhecido como uma transformação sublimada deste desejo recalçado” (op. cit., p. 208-209). Este parágrafo merece ser retranscrito não somente porque trata da mulher madura, objeto de nossa tese, ou porque propõe uma transformação muito mais realista para a inveja do pênis, um objetivo razoável e que sabemos atingível nas análises das mulheres desta idade, mas também porque se observa que, na questão fállica, trata-se de um significante e não de um pedaço de carne. Trata-se de um significante que tem, no registro imaginário, valor de poder. O problema é que este mesmo sucesso profissional e intelectual que, com efeito, pode trazer às mulheres uma satisfação fállica - e ao qual elas se dedicam na medida em que não têm mais tarefas maternais a cumprir - não deixa de assustar o desejo do parceiro habitual. É verdade que existem exceções, mulheres que sabem deixar o falo imaginário no campo do Outro, mesmo quando o adquirem.

Neste mesmo artigo, Freud retorna ao seu debate com Horney e Jones, que ele não nomeia: “*Em certos analistas apareceu a inclinação a rebaixar em sua significatividade esta primeira onda de inveja do pênis quando da fase fállica. Eles estimam que o que se acha desta posição na mulher é, essencialmente, uma formação secundária que se produziu por ocasião de conflitos ulteriores*”. Mas Freud persiste. Para ele, a descoberta da castração é uma reviravolta no desenvolvimento da menina, para o qual ele vê três saídas possíveis: a inibição sexual ou a neurose, o complexo de masculinidade, mas também a feminilidade normal. A situação feminina só se instaurou quando o desejo visando o pênis foi substituído por aquele visando o filho, “*o filho vindo então no lugar do pênis, segundo uma antiga equivalência simbólica*” (op. cit., p. 211). Não escapa a Freud que anteriormente já a

menina tinha desejado ter um filho, este era o sentido de brincar de bonecas, o qual não era a expressão de sua feminilidade, mas uma identificação com sua mãe. A boneca era ela mesma, com a qual a mãe brincava. “*É somente com a chegada do desejo de pênis que a criança-boneca torna-se uma criança recebida do pai*”. Ele acrescenta que a felicidade da mulher que se tornou mãe é ainda mais completa quando o filho é um menino que traz com ele o pênis tão desejado. É necessário, pois, reconhecer este desejo de pênis como um desejo feminino por excelência, o que contrasta com a posição de Jones, que dele faz sobretudo um preâmbulo para as diversas formas de homossexualidade feminina.

Freud faz em seguida uma alusão às infalíveis decepções que a menina vai encontrar junto ao pai. Ele não retoma aí, entretanto, a idéia - emitida em *O Ego e o Id* (1923b) - de uma identificação com o pai, na menina, consecutiva a sua renúncia ao pai enquanto objeto de amor, nem de uma retomada de sua masculinidade nesta ocasião. Karen Horney, em 1924, tinha retomado a idéia da transformação do amor pelo pai - consecutivo ao despeito por não receber dele o bebê ou o pênis esperado - em uma identificação com ele. Ela teria lido aí a fonte da reivindicação fállica, sempre secundária, segundo ela, numa menina. Jones havia retomado esta idéia e dela fez uma raiz da homossexualidade feminina.

Lacan, que retoma ponto por ponto todo este debate, identifica aí a causa de um outro tempo indispensável à constituição do sujeito feminino: a identificação com as insígnias do pai, constitutiva de seu ideal do eu. Este laço entre identificação com o pai e ideal do eu estava já presente no texto de Freud de 1923. Jones, em sua conferência de 1927, diz que esta identificação é uma defesa tão perfeita que encontramos suas indicações em todas as meninas que atravessam o estágio edípico do desenvolvimento; que ela é, pois, um fenômeno universal (OP. CIT., P. 407-408). Mas ele se

depara então com a dificuldade de ter que explicar por que esta identificação com o pai se encontrará ampliada naquelas que se tornarão homossexuais. Para Lacan, o ideal do eu não é uma instância constrangedora como o supereu, mas sim a base segura da identidade do sujeito.

Se continuarmos a nos apoiar na clínica da menopausa, uma outra anotação de Freud é central para pensar a catástrofe da feminilidade neste momento. Freud atribui “à *feminilidade um maior grau de narcisismo, que influencia sua escolha de objeto; de tal modo que ser amada é para a mulher uma necessidade mais forte do que amar. Da vaidade corporal da mulher participa ainda a ação da inveja do pênis, considerando que lhe é necessário manter uma estima ainda maior por seus atributos, como reparação tardia por sua inferioridade sexual original*”.

Os lacanianos formularão isto dizendo que, se uma mulher não tem o falo, ela não deixa de tê-lo, ainda que a mãe - acrescentaríamos - não deixe de tê-lo. Nisto, uma mãe e uma mulher, não são a mesma coisa. Teremos, pois, explicitado as duas promessas feitas à menininha quanto ao seu futuro: a falicidade do materno e a imagem corporal erigida falicamente.

Para não desmoronar, mesmo aquelas que continuarão a fazer questão de sua feminilidade - e, portanto, a querer se sustentar como objeto do desejo de um Outro, do outro sexo - terão que se apoiar nesta identidade masculina (6).

Antes de entrar na teorização de Lacan sobre o feminino, resta-nos abordar o último parágrafo deste texto de Freud sobre a feminilidade de 1932. Esta passagem tem o dom de arrepiar mesmo as colegas analistas lacanianas. “*Mas não esqueçam que descrevemos apenas a mulher na medida em que seu ser é determinado por sua função sexual. Esta influência vai certamente muito longe, mas não perdemos de vista que esta ou aquela mulher pode realmente ser também, além disso, um ser humano*” (P. 219).

“*Como assim!*”, exclamam elas furiosas - “*ele nos concede às vezes sermos um ser humano. O que ele diz das mulheres é insuportável!*” Ora, este texto se presta a toda uma outra leitura, que virá recortar o que começávamos a identificar do lado da divisão do sujeito feminino. Parece-nos que Freud faz notar que o que ele acaba de dizer, na página precedente, sobre a maior fraqueza dos interesses sociais, até mesmo sobre seu caráter associar e sua capacidade mínima de sublimação não se aplica senão à dimensão feminina de uma mulher. Quando ele diz que esta ou aquela é também um sujeito humano, ele fala de sua necessária divisão. Para parafrasear Lacan, nós diríamos que um sujeito nascido de sexo feminino, não está toda submetida a sua condição de mulher. Dissemos que, neste longo trajeto para se tornar mulher, a menininha edipiana vai, num determinado momento, sob o efeito das necessárias decepções de suas demandas junto ao pai, abandonar seu amor por ele e se refugiar numa identificação com suas insígnias, base de seu ideal do eu. Este ideal do eu é, tanto na menina quanto no menino, de origem paterna e constitui seu ser de sujeito. Ele não vai se confundir com os jogos de sedução aos quais ela se prestará enquanto objeto causa do desejo de um homem, jogos da mascarada própria à sua feminilidade. A parte ideal do eu de todo sujeito feminino constitui o que Freud chama aqui de “ser humano” e está submetida às mesmas leis que as que regem os meninos. A outra parte é aquela onde uma mulher aceita se fazer objeto, objeto do desejo.

Esta divisão constitutiva da mulher - que Lacan pediu que se escrevesse barrando o A (7) - é essencial para entender algo da clínica da menopausa. Um dos mal-entendidos mais centrais desta clínica reside aí. Quando algumas mulheres falam das dificuldades ou do sofrimento que experimentam, elas se referem essencialmente à crise que atravessa sua parte feminina, quer seja o materno ou sua

capacidade de sedução. Com muita frequência, estas mesmas mulheres são, além disso, sujeitos extremamente bem sucedidos quanto ao que concerne ao seu ideal do eu paterno. Estes sujeitos se acham mesmo no apogeu de suas carreiras; enquanto “seres humanos” tudo vai muito bem; o que não as impede de sofrer enquanto mulheres. Lacan teorizou esta necessária divisão de A mulher. O que é mais interessante, é ver até que ponto as feministas anglo-saxônicas lhe dão razão, mesmo não sabendo que ele existiu. Quer seja uma autora tão importante quanto Germaine Greer ou então o coletivo das mulheres de Boston, todas pensam que a menopausa é uma sorte para a mulher, pois lhe permite, enfim, poder reencontrar sua unidade. Elas não querem mais ter que manter um lugar de objeto de desejo para alguém - muito menos para um parceiro masculino - querem é poder se consagrar, enfim, ao seu ser profundo. Fim da mascarada! Fim do jogo da sedução! Nesta reivindicação de reencontrar, enfim, sua unidade, elas reconhecem bem que esta divisão é própria das mulheres. Se muitas mulheres sofrem na menopausa, é porque elas não querem se reduzir a ser apenas seres humanos. Mesmo que não possam mais ser mães, elas querem continuar sendo mulheres, e aí está todo seu problema.

*Lacan - O Falo: significante do que o Outro não tem*

Em seu seminário sobre as *Formações do Inconsciente* (1957-1958), Lacan vai nos deixar suas mais importantes contribuições sobre a questão da feminilidade. Ao interrogar a questão do desejo da histérica, ele vai tomar um exemplo na *Traumdeutung* (1901). Uma jovem mulher histérica, inteligente, fina e reservada, como “a água parada”, conta dois sonhos. O primeiro é muito curto: “*Eu sonhei que chegava muito tarde ao mercado e não encontrava mais nada no açougueiro*

*nem na vendedora de legumes*”. Suas associações levam Freud rumo ao que Lacan chama de *significante do falo* (op. cit., p. 375 e seg.). Primeiramente, o açogue fechada faz Freud associar com uma expressão licenciosa própria à Viena da época: o açogue aberto significava a braguilha deixando entrever algo. O elemento fálico escondido no sonho é claramente analisado por Freud a partir dos legumes propostos à sonhadora: um misto de rábano preto e de aspargos, cujo caráter sexual é adiantado. Mas o açogueiro do sonho tem uma expressão alemã que remete à ausência de alguma coisa, a um não tem mais: “*Das ist nicht mehr zu haben*”. Este enunciado, Freud o reconhece como algo que ele mesmo disse à paciente; ele tenta captar aí a origem das frases ouvidas nos sonhos. Lacan vai se interessar por este enunciado, na medida em que ele é a constatação de uma falta de objeto. E acrescenta que não se trata aí de uma experiência frustrante, mas de uma significação enquanto tal.

Embora tome decididamente o partido de Freud a propósito da primazia do falo, as objeções de Jones confortam a idéia de Lacan de que é preciso rever este conceito de falo. Ele fará deste conceito um significante. Na análise deste sonho, ele o faz significante do que o Outro não tem; não é senão enquanto faltante ao Outro que o falo pode ser significante do desejo do Outro.

*O corpete da histérica: ser ou não o falo*

Um segundo sonho, da mesma paciente: “*O marido lhe pergunta: “Não seria bom mandar afinar o piano? Ela responde: “Não vale a pena”, (Es lohnt sich nicht). Frase que ela dissera na véspera, quando fora visitar uma amiga. Propuseram-lhe que tirasse o casaco, mas ela se recusou, dizendo: não vale a pena, porque tinha que ir embora. Freud pensa então que neste mesmo dia, durante a sessão, ela levara bruscamente a mão*

ao casaco, quando um dos botões se abriam. "Era como se dissesse: Por favor, não olhe para cá, não vale a pena".

Se o falo é o significante do desejo, e doer do Outro, então uma nova vertente do problema vai poder se colocar para o sujeito: ser ou não ser este falo. Mas o ser de uma mulher não pode se reduzir a ser o falo. Então ela vai rejeitar o que ela é no parecer. Lacan diz, em 1957-58, que é exatamente a posição da mulher na histeria. Enquanto mulher, ela se faz máscara. "Faz-se máscara precisamente para, por trás desta máscara, ser o falo". Todo o comportamento da histeria se manifesta pelo gesto desta mão que segura o botão, acompanhada pela frase: "Não vale a pena". Não vale a pena porque não se trata de que se olhe atrás, pois atrás, trata-se de que o falo aí esteja. Mas não vale justamente a pena ir ver, pois não se o encontrará lá. Há provocação histeria: algo que é apresentado ao desejo, apresentado atrás de um véu, mas que, por outro lado, não poderia ser encontrado aí. Lacan o resume assim: "Não vale a pena você abrir meu corpete, porque não encontrará o falo, mas, se levo minha mão ao corpete, é para que você aponha, por trás desse corpete, o falo, isto é, o significante do desejo" (op. cit., p. 380).

O corpete da histeria torna-se a condição fundamental da mulher em relação ao homem, no que concerne ao desejo. "Lá, atrás da combinação, sobretudo não vá procurar ver, porque, é claro, não há nada, a não ser o significante. Mas trata-se de nada além, justamente, do significante do desejo" (op. cit., p. 383-384). Após ter lembrado que tal era a estrutura do desvelamento do falo nos Mistérios antigos, Lacan associa sobre o pudor. Se no homem é apenas o falo que deve permanecer coberto, na mulher, é a totalidade de seu ser que deve permanecer velada, condição para que ele possa estar inteiramente no lugar de falo. O desvelamento que não mostraria nada mais do que a ausência é o que Freud chamou de terror: *Abscheu*, o horror que corresponde à ausência como tal, a cabeça de Medusa.

Lacan lembra o quanto os analistas pós-freudianos sustentaram que a maturação sexual seria passar de um objeto parcial a um objeto total e comenta, não sem humor: "ao ter acesso ao lugar de desejo, o outro não se torna de modo algum o objeto total, mas o problema é, pelo contrário, que ele se torna totalmente objeto, na qualidade de instrumento do desejo". As feministas americanas, mesmo nunca tendo ouvido falar de Lacan, não deixam de lhe dar razão: seu combate essencial consiste em denunciar este lugar de objeto designado à mulher. Elas se enganam ao acreditar ver aí os efeitos de uma ideologia machista, quando se trata do problema da estrutura mesma do desejo.

A tessitura, e o véu que aí é produzido, vem permitir ao corpo de uma mulher desempenhar seu papel no esconder-mostrar do desejo. Mas ela não é toda falo - objeto do desejo - ela se faz máscara e é atrás desta máscara que ela vai sustentar este lugar fálico.

Nossa clínica psicanalítica cotidiana não esperou o discurso feminista para saber o quanto este lugar pode ser, para certos sujeitos femininos, completamente intolerável. Esta possibilidade de uma divisão do sujeito feminino, que se refugiará na máscara para poder sustentar por trás um lugar fálico, é seguramente não apenas uma solução elegante, mas talvez a única possível, para lhe permitir ascender à feminilidade (8).

#### *A feminilidade enquanto mascarada*

A partir do material de uma análise, J. Rivière (1929) descreve, numa mulher, uma aparente fragilidade própria à posição feminina, bem como à capacidade de seduzir que lhe é correlata. Nela, isto não seria senão uma *mascarada* que ocultaria uma posição fálica, viril, ligada ao seu sucesso sócio-profissional. É necessário dizer que em 1929, quando ela

escreveu este artigo, raras eram as <sup>7</sup>mulheres que manifestavam uma semelhante assunção das funções masculinas, observará Lacan. Aliás, no início de seu artigo, Rivière pensa que se trata de uma forma particular de homossexualidade, já descrita por Jones, forma na qual as mulheres visam sempre um parceiro masculino, mas esperam ser reconhecidas por eles como sendo um deles. Esta paciente é, além disso, uma dona-de-casa e uma esposa realizada: ela parece conhecer o gozo nas relações sexuais. Entretanto, cada vez que tem um sucesso sócio-profissional brilhante, onde experimenta sua potência fálica, ela se torna em seguida muito tímida, frágil, humilde, mostrando-se de um devotamento feminino no limite do sacrifício; sentindo-se obrigada a desempenhar este papel para seduzir um dos homens da situação. E este jogo de coqueteria funcionava. Para Lacan, é como se ela dissesse: “*Mas vejamos, não tenho este falo, sou pura e simplesmente mulher*”(op. cit., p. 255).

Rivière é uma aluna de Jones, para quem a inveja do pênis não é um elemento primeiro, mas o resultado de uma regressão identificatória ao pai, acompanhada de um ódio destrutivo endereçado a este último. Esta mulher teria o sentimento de uma supremacia sobre os personagens parentais; ela teria operado uma subreptícia subtração da fonte e do símbolo mesmo da potência deles e, desde então, temeria as represálias.

Embora para Joan Rivière trate-se de uma situação de clivagem - o que em sua concepção é necessariamente patológico -, ela nomeia entretanto esta mascarada com o nome de *feminilidade*. Vejamos como Lacan constrói seus próprios conceitos, aproveitando o que lê em autores que lhe parecem trazer hipóteses clinicamente justas, ao mesmo tempo subvertendo o que o autor acreditava dizer.

Em relação ao artigo de Joan Rivière, Lacan começará avançando que não se trata de clivagem patológica, mas da

necessária divisão na constituição do sujeito. Ele fala de sua admiração diante desta paciente, cujo “*caráter de liberdade e de plenitude não está tão garantido na evolução da sexualidade feminina*” Ele dirá, contudo, que não se trata senão de uma das formas possíveis da feminilidade. Nos anos seguintes, Lacan refará por várias vezes alusão a este artigo e acabará por considerar que esta mascarada é a condição mesma da feminilidade. A propósito desta paciente, que se tornou prototípica, ele observará que ela se acha na necessidade de ser, até um certo grau, *este falo*, na medida em que ele é o signo mesmo do que é desejado. Ela identifica, pois, seu ser de sujeito com o falo, significativo do desejo do Outro, o qual vai se reencontrar oculto, escondido pela mascarada feminina, onde ela aparece sob seu modo feminino. Para Lacan, é justamente a esta divisão que respondem as manifestações do que é considerado como a feminilidade.

Para nosso trabalho sobre as mulheres na menopausa, já temos aí dois elementos preciosos. É da perda desta capacidade de seduzir, do sentimento de não mais poder, como antes, desdobrar os jogos da coqueteria, e portanto da mascarada, que algumas se queixam. As outras, que encontram vantagens nesta nova situação, argumentam justamente dizendo que finalmente não se sentem mais divididas, que têm a impressão de se ter reunificado: é a posição que defende Germaine Greer em seu livro “*The Change*”.

*A identificação com o pai, base de uma falicidade desabrochada na menopausa*

A identificação com o pai é central para tratar os remanejamentos que ocorrem na meia idade, pois é seguramente sobre ela que uma mulher pode se apoiar para enfrentar as perdas reais que deve enfrentar. Há sempre algo

de masculino que deve ser recuperado para sustentar uma mulher neste momento: quer seja o sucesso profissional como bôia de salvação, do qual fala Helene Deutsch; quer seja a realização fálica que Freud pensava ser uma das demandas das mulheres em análise nesta idade.

Desde 1924, Karen Horney se interessara pelo complexo de castração na menina e mostrara, por uma série de exemplos, que não havia diferença de natureza entre os casos de reivindicação fálica e certos casos de homossexualidade feminina, aqueles onde o sujeito, numa certa posição em relação ao seu parceiro, identifica-se com a imagem paterna. Haveria entre os dois uma continuidade insensível, não se poderia mesmo dizer que os primeiros constituiriam uma forma atenuada dos outros, mas "simplesmente que uma certa fronteira foi ou não ultrapassada, a qual permanece ela mesma incerta", comenta Lacan (1957-58) a propósito deste texto (p. 292), que muito o marcou, bem como a Jones. Lacan presta uma homenagem justa a Karen Horney, no que se refere à primeira parte de sua obra. Deste texto, ele reterá dois aspectos: primeiramente, fará desta identificação com o pai a base do ideal do eu e, portanto, para todo sujeito - menina ou menino - um tempo estrutural da constituição de seu ser. Daí decorrerá uma relativização da homossexualidade feminina, percebida como forma consumada da histeria, muito mais do que como uma perversão.

Assim, este pai provido de um pênis, recusa-o a sua filha, como lhe recusa o bebê que daí decorreria. Há aí uma privação - termo já empregado por Karen Horney. Jones retomará esta palavra, mas é somente Lacan que o conceitualizará. Entretanto, gostaria de acrescentar que nada impede um pai de significar a sua filha que, embora recuse sua demanda - recusa à qual é obrigado pela lei de proibição do incesto - reconhece o valor de seu desejo, isto é, legítima-

o: que ela lhe parece sedutora e que seguramente um outro, não submetido a esta lei, ficará feliz em responder a este desejo. Isto nem sempre se passa assim, infelizmente, e o caso da jovem homossexual de Freud aí está para atestá-lo (1920).

Mas em todos os casos dignos de nota, esta privação vai produzir, neste momento do apogeu do Édipo na menina, um acontecimento, já descrito por Freud: o amor pelo pai torna-se identificação. Mas Lacan assinala que a menina não se torna realmente o pai, ela se o torna enquanto ideal do eu. E ele relembra um dos exemplos dados por Freud em *Psicologia das massas* (1921): determinada paciente que diz: "eu tusso como meu pai". Lacan lembra bem que a filha não se acha transformada em homem, o que parece um pouco escapar aos autores anglo-saxônicos, que descrevem esta identificação ligada à homossexualidade. O sujeito se vangloria de ter signos, elementos significantes deste pai, o que Lacan chama de *insígnias do pai*. Somente por poder se sustentar nesta identificação com as insígnias de seu pai, base de seu ideal do eu, é que a filha poderá em seguida se prestar à mascarada da feminilidade sem temer, neste parecer - neste "se fazer o objeto do desejo de um Outro" - perder seu ser. Esta *Spaltung*, esta divagem, longe de ser um elemento patológico, torna-se, a partir de então, a estrutura mesma de acesso à feminilidade para uma mulher.

### O falo enquanto significante

Nos Estados Unidos, em praticamente todas as obras atuais sobre a menopausa, encontramos o mesmo protesto contra a idéia que Freud, depois Helene Deutsch e Simone de Beauvoir na seqüência (9) puderam pensar, de que há uma retomada do complexo de castração neste momento da vida de uma mulher. Isto é interpretado da seguinte forma: ela se

acha novamente confrontada com a humilhação narcísica produzida pela confrontação entre o clítoris e o pênis, pois é isto que eles acreditam ser a falta de falo. Estes mesmos autores concordam, contudo, com o fato de que uma revolução importante se opera então na vida das mulheres, do lado da maternidade e do lado da perda da imagem corporal. Mas eles ficariam seguramente muito surpresos se lhes dissessemos que é disto que se trata na questão fálica para uma mulher. Podemos dizê-lo só-depois da contribuição lacaniana, que permitiu descolar a questão fálica de um biologismo que as escritoras americanas teriam razão em denunciar.

O que é central para Lacan - e que teria podido economizar muita tinta no debate dos anos 25-35 em torno da insistência absoluta de Freud a propósito da primazia do falo e da revolta da parte dos mais bem intencionados autores americanos - é que se trata de um significativo.

Desde 1956, Lacan assinala o caráter significativo do falo, significativo de uma falta imaginária da mãe, falta que a faz visar um lugar terceiro entre seu filho e ela.

Em seu seminário sobre a relação de objeto, Lacan (1956-1957) dirá que esta relação é impossível de compreender se não se coloca aí o falo como terceiro. Ele chama isto de falicismo da experiência analítica.

Uma das grandes contribuições da teoria lacaniana vai ser promover a noção da falta de objeto como central, não como algo de negativo, mas como o motor mesmo da relação do sujeito com o mundo. Ele lembra que Freud coloca a castração no centro mesmo da neurose, mas esta noção não lhe parece completamente elaborada. Ele vai propor distinguir dos registros da frustração e da privação (10). A privação é uma falta real, um buraco. A frustração é uma falta imaginária, um dano, uma lesão, um prejuízo, ela introduz o registro da reivindicação (op. cit., p. 36-39). A castração, por sua vez, é

uma falta simbólica, é ela que regula o Édipo e proíbe o incesto. O objeto da falta, neste caso, não pode ser real, não se trata de amputar um órgão real para legislar a proibição do incesto. O objeto da castração é imaginário, o que é visado é o falo enquanto imaginário e não enquanto órgão real. Deste ponto de vista, tanto o menino quanto a menina, estão submetidos à castração.

Tradução: Leda Mariza Fischer Bernardino.

#### Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1901) *L'interprétation des rêves*. Paris, P.U.F., 1967, p. 164 e seguintes.
- \_\_\_\_\_ (1912) Des types d'entrée dans la maladie névrotique, O .C. vol. XI, Paris: PUF, 1988, p. 124.
- \_\_\_\_\_ (1913) The disposition to obsessional neurosis, S.E., vol. XII, p. 323-324; G.W. vol. VIII, p. 449-459.
- \_\_\_\_\_ (1920) "La jeune homosexuelle". SE, vol. XVII.
- \_\_\_\_\_ (1921) *Massen Psychologie*. SE, vol. XVII.
- \_\_\_\_\_ (1922) "La tête de méduse". O .C., vol. XVI, p. 163-164; G.W., vol. XVII, p. 47.
- \_\_\_\_\_ (1923 a). *L'organisation génital infantile*. O .C. vol. XVI, p. 306.
- \_\_\_\_\_ (1923 b) *Le moi et le ça*. O .C. , vol. XVI. Paris, P.U.F., p. 276.
- \_\_\_\_\_ (1925) "Quelques conséquences psychiques de la différence des sexes au niveau anatomique". O .C., vol. XVII, p. 195-196.
- \_\_\_\_\_ (1931) "De la sexualité féminine". O .C., vol. XIX, p. 14.
- \_\_\_\_\_ (1932) "XXXIII leçon: La féminité", In *Nouvelle suite des leçons d'introduction à la Psychanalyse*. O .C., vol. XIX, p. 199.

HÉRITIER, F (1996). *Masculin-féminin: la pensée de la différence*. Paris: Ed. Odile Jacob, p. 84.

HORNEY, K. (1924) "The genesis of the castration complex in women", In *Int. Journal of Psycho-analysis*, vol. V.

JONES, E. (1927) "Early development of female sexuality", In *Int. Jour. of Psycho-Analysis*, vol. VIII; "Le développement précoce de la sexualité féminine", In *Théorie et pratique de la Psychanalyse*. Paris: Payot, 1997, p. 399-410.

LACAN, J. (1956). *Le séminaire, livre III: Les Psychoses*. Paris: ed. Du Seuil, 1981, p. 195 e seguintes.

\_\_\_\_\_. (1956-1957) *Le séminaire, livre IV: La relation d'objet*. Paris: ed. Du Seuil, 1994, p. 28-29.

\_\_\_\_\_. (1957-1958) *Le séminaire, livre V: Les formations de l'inconscient*. Paris: Le Seuil, 1998, p. 239.

LEMOINE-DARTHOIS, R. e WEISSMAN, E. (2000). *Elles croyaient qu'elles ne vieilliraient jamais: les filles du baby-boom ont 50 ans*. Paris: Albin Michel.

RABELAIS. "Pantagruel, Le Quart Livre", cap., 47, in *L'Intégrale*. Paris: Ed. Du Seuil, 1973.

RIVIÈRE, Joan. "La féminité en tant que mascarade", *Int. Jour. Of Psychoanalysis*, X, p. 303-313, 1929; tr.fr. do original inglês estabelecida em 1969 por Victor Smirnoff par a revista *La Psychanalyse*, vol. VII, Paris: P.U.F.

#### NOTAS

- (1) Lembremo-nos do que diz sobre isto Madeleine Gueydan.
- (2) Esta palavra se encontra em alemão também.
- (3) Le Robert, dicionário alfabético e analógico da língua francesa.
- (4) Vimos apenas alguns autores psicanalíticos que ousaram enfrentar o assunto sem se queixarem disto. Ruth Lax chega até a fazer a hipótese de uma recusa do assunto pela maior parte dos analistas. Em dezembro de 2000, pediram-lhe para assumir a responsabilidade pelo *Workshop* sobre a menopausa

na reunião anual da Associação Psicanalítica Americana. Não houve nenhum analista para propor um trabalho sobre este tema! Este desinteresse por um tema que toca uma grande maioria de mulheres lhe parece a prova mesma desta recusa.

(5) Em certas sociedades tradicionais, como a japonesa ou a muçulmana, a mãe do filho casado terá poder sobre a nora, que lhe deve respeito e obediência. É possível que este poder torne mais agradável este período da vida; mas isto não mudará nada no âmbito das perdas que ela poderá sofrer em sua feminilidade.

(6) Retomamos isto explicitamente, a propósito dos três destinos para uma mulher que fez a menopausa, propostos por Françoise Héritier.

(7) O que indica, entre outros, sua divisão.

(8) Toda esta parte do texto retoma o que havíamos escrito num artigo sobre a histeria. Ver Laznik, M.C. "Petite histoire des idées de Lacan sur l'hystérie" In *Hystérie, Monographies de Psychanalyse*. Paris, P.U.F., 2000, p. 53-80.

(9) Tomemos como exemplo o livro de Colette Dowling: *Red Hot mamas: coming into our own at 50*, London, Berkeley, Harper Collins Publishers, 1996, p. 88.

(10) Estes três termos são empregados por Jones, que não os distinguiu claramente uns dos outros e não os transformou em conceitos.

**Sobre a autora:** Marie-Christine Laznik é psicanalista, analista membro da Association Freudienne Internationale, autora do livro *Rumo à palavra* (Ed. Escuta, 1997), autora e organizadora do livro *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas* (Ágalma, 1994).

E-mail: [mc laznik@club-internet.fr](mailto:mc laznik@club-internet.fr).